

## Resenha

### **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias**

(Dominique Wolton. Trad. Isabel Crossetti. Porto Alegre: Sulina. 2007)

Dennise Cunha de Vasconcelos<sup>1</sup>

“Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias” traz uma abordagem das novas tecnologias sob um ponto de vista sociológico. As conseqüências futuras da influência da Internet na sociedade são apresentadas como fruto do momento que vivemos de valorização das novas mídias. A partir desta idéia, o livro propõe uma reflexão sobre o valor social, a atuação e os efeitos das novas tecnologias.

O autor, o sociólogo francês Dominique Wolton, tenta mostrar que o processo comunicativo está sendo encarado de uma maneira reducionista, limitado às técnicas. É proposto, assim, que na comunicação o essencial não é a tecnologia, e sim a necessidade de pensar a comunicação.

O livro lança dois desafios: o de fazer uma ligação entre a teoria da comunicação e a teoria da sociedade; e reavaliar as problemáticas das massas e da maioria. Encontramos na obra certa comparação entre as mídias tradicionais e as novas mídias, apontando as suas características e seus papéis na sociedade.

A esperada “sociedade da informação” é apresentada como decorrente da comunicação reduzida às técnicas, que não provocará mudanças radicais e que traz conseqüências negativas para a sociedade.

Após uma apresentação dos objetivos, dos desafios e da definição de comunicação presentes na Introdução, o Capítulo 1 traz à tona o contexto da comunicação na modernidade. É apresentada uma série de questões sobre a função das tecnologias de comunicação que “obrigam” a adaptação das pessoas a seu ritmo. A sedução pelas novas mídias é atribuída à desvalorização dos conceitos de comunicação e à desconfiança em relação às mídias generalistas.

No segundo capítulo, Wolton direciona as discussões para as mídias generalistas e para o grande público. O enfoque aqui é dado para a televisão, inserida na vida cotidiana e como

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB.

exemplo de política da oferta. A televisão é vista como um elo entre indivíduos, um instrumento de comunicação associado à democracia de massa e que possui o que o autor apresenta como essencial para as atividades: ela mantém as dimensões individual e coletiva.

Partindo da idéia de que as novas tecnologias dependem de uma lógica da demanda, o terceiro capítulo versa sobre as novas mídias, que se caracterizam pela autonomia, o domínio e a velocidade. Um fator relevante é a identificação dos jovens com as novas mídias e a redução de deslocamento que estas permitem. Contudo, são apontadas desigualdades sócio-culturais como consequência das novas mídias, assim como o risco da segmentação de conteúdos e o distanciamento das pessoas. Na Net, o essencial é a transmissão de informações. Dessa forma, as novas mídias são apresentadas com a idéia de “solidões interativas”, um espaço onde há dificuldade de interação, devido à falta de regras e obrigações. Outro ponto é a questão do comércio e da democracia, pois a liberdade de acesso à informação, sem intermediário, é vista como uma ameaça, uma regressão para a democracia.

Sabendo que na passagem das mídias de massa para as novas tecnologias não há “progresso”, o Capítulo 4 traz questões sobre os dois lados. É proposta a questão da regulamentação de acesso às novas mídias e uma reflexão teórica sobre a comunicação. Ainda neste segmento são apresentados os desafios tanto das mídias de massa quanto das novas tecnologias, contextualizando cada uma e apontando considerações sobre estas, além de atitudes para pensar a comunicação, como multiplicar as pesquisas junto ao público e acabar com a idéia de que a comunicação baseada na demanda é superior à baseada na oferta.

Como um exemplo de que o desafio da comunicação vai além da ordem técnica, o quinto capítulo se volta para a Europa, que consegue apresentar a “hierarquia das condições para a comunicação” visto que as técnicas vão depender de um modelo cultural e um projeto social. Outro ponto fundamental que a Europa ilustra é a importância das diferenças, devido à experiência já vivida no âmbito econômico, mas que não anula a “coabitação cultural” da comunicação. Há, ainda, duas vantagens, a das tradições culturais e do espaço comum para abordar a comunicação na Europa.

Por fim, na conclusão, há a retomada da definição da comunicação em três elementos: o técnico, o cultural e o social, chamando atenção para a rapidez com que a técnica evolui. A fascinação por esta dimensão técnica é mais uma vez destacada em contraponto com realidades passadas em que as mudanças na comunicação não foram decorrentes das técnicas, mas da cultura e do social. O autor reconhece que as novas tecnologias constituem uma inovação técnica, mas que complementam as mídias de massa.

“Internet, e depois?” evidencia, então, um aspecto positivo das mídias de massa, principalmente da televisão, usada como forma de comunicação que une indivíduos e públicos sem influenciar. Contudo, falta a colocação da televisão sob um outro ponto de vista, sob um olhar crítico. Este outro ângulo da televisão acredito estar presente em outro livro do autor que compõe uma trilogia juntamente com o livro aqui apresentado.

Por outro lado, assim como o autor afirma que a comunicação está sendo reduzida às técnicas, as novas tecnologias são mostradas igualmente reduzidas a procedimentos técnicos, como se não fossem resultados de todo um processo que também vêm evoluindo e que marcam e refletem a sociedade atual. Todavia, a obra de Dominique Wolton atinge seu objetivo de levar a uma reflexão crítica do papel que as novas mídias possuem hoje diante da sociedade e proporciona um entendimento mais amplo entre as relações das mídias tradicionais e das novas mídias no processo comunicacional.